

FACUNDO NO SERTÃO: GUSTAVO BARROSO E O CANGACEIRISMO

Norberto O. Ferreras*

RESUMO

No presente trabalho exploramos alguns dos mais importantes estudos sobre o banditismo social no Nordeste do Brasil, enfatizando a análise do livro *Heróis e Bandidos* do romancista e ensaísta cearense Gustavo Barroso. O foco principal da nossa análise concentra-se na relação existente entre Barroso e outros estudos anteriores e posteriores deste fenômeno e na forma pela qual Barroso tornou-se um tipo de paradigma do assunto. Para compreender o trabalho de Barroso acompanhamos as suas principais influências e, mais especificamente, o político e analista argentino Domingo Faustino Sarmiento e a forma em que o mesmo é lido por Barroso.

PALAVRAS-CHAVE: cangaceirismo, banditismo, nordeste, história das idéias.

ABSTRACT

In this article we explore some of the most important studies about social bandits and their practices in Brazilian Northeast, by analyzing the book *Heróis e Bandidos*, by the novelist and writer Gustavo Barroso, from State of Ceará. The main focus here is the relationship between this author's approach of heroes and bandits and other studies, since Barroso's became a kind of paradigm to the theme. To understand his work we searched his main influences, more specifically the Argentine political leadership and researcher Domingo Faustino Sarmiento and the way Barroso reads him.

KEYWORDS: *cangaceirismo*, bandits, Northeast, intellectual history.

* Professor Adjunto Depto. de História da Universidade Federal Fluminense. Doutor em História Social pela Universidade de Campinas.

Toda la vida de Quiroga me parece resumida en estos datos. Veo en ellos al hombre grande, al hombre de genio, a su pesar, sin saberlo él, el Cesar, el Tamerlán, el Mahoma. Ha nacido así y no es culpa suya; descenderá en las escalas sociales para mandar, para dominar, para combatir el poder de la ciudad, la partida de la policía.
(Facundo Domingo F. Sarmiento)

I.

A questão do Banditismo tem sido abordada várias vezes pela História Social, porém desde que Eric Hobsbawm publicou o seu célebre livro *Bandits*¹ a quantidade de estudos sobre esta temática se multiplicou várias vezes. O modelo de análise hobsbawmiano foi aplicado largamente para distintas realidades, com maior ou menor êxito e nem sempre com o melhor critério. Os estudos sobre o banditismo tiveram como alvos privilegiados o sul da Europa e a América Latina. Na Europa os estudos se centraram na Itália, Espanha e Portugal, na América Latina privilegiou-se o México e o Brasil, o período para todos estes países vá desde mediados do século XIX a mediados do século XX. Logicamente que nem estes países nem o período mencionado são os únicos casos estudados, porém é onde se concentra a maior quantidade das pesquisas.

Mesmo assim, os estudos contemporâneos sobre o banditismo no Brasil, não têm como origem exclusiva a abordagem de Hobsbawm. Hobsbawm tem sido o modelo e a inspiração para vários historiadores desta temática. O Brasil não está necessaria-

¹ HOBBSAWM, Eric. *Bandidos*. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 1976 (1ª ed. em inglês: 1969).

mente isento desta influência. Porém, existe uma aproximação similar e simultânea àquela do historiador inglês, mas os caminhos para a construção destas abordagens foram diferentes, embora existam alguns pontos de contato entre ambos, principalmente as obras iniciais de Maria Isaura de Queiroz.² Ou seja, existe uma série de coincidências analíticas entre os livros *Bandidos* de Eric Hobsbawm, e *Cangaceiros e fanáticos*³, de Rui Facó. Embora quando estes livros têm alguns anos de diferença a favor de Facó, não é o caso de pensar numa cópia ou num plágio, fundamentalmente porque Hobsbawm não conhecia a existência do trabalho de Facó, e o leque de casos apresentados pelo próprio Hobsbawm excede o estudo do cangaceirismo. Podemos, sim, pensar que se trata do caso de preocupações simultâneas ante problemas que vinham a tona num mesmo momento e que passaram a desafiar os limites dos marcos analíticos existentes. Entre as preocupações que norteavam o pensamento de ambos historiadores estavam as seguintes: Como analisar esses camponeses, que eram vistos, geralmente, como seres passivos, mas que se tornavam bandoleiros, individualmente ou em grupos, e passavam a atormentar às autoridades e aos donos de terras? Que relação era possível estabelecer entre estes foragidos e as comunidades das quais eles faziam parte, ou tinham feito parte? Porque é que os camponeses se arriscavam ao dar apoio a estes fora-da-lei? Os surtos de banditismo expressavam algum tipo de protesto instintivo ante a opressão senhorial ou representavam uma resposta à modernização? Porque os camponeses privilegiavam esta forma de revolta antes que o sindicato ou a revolta popular? Estas bem que poderiam ter sido parte das perguntas feitas pelos intelectuais das décadas de 1960 e 1970 ante um fenômeno esquivo e incompreensível.

² Como por exemplo, QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *O messianismo no Brasil e no mundo*. São Paulo: Dominus – Edusp, 1965.

³ FACÓ, Rui. *Cangaceiros e fanáticos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira – Ed. UFC, 1980 (1ª ed.: 1963).

II.

Certamente as preocupações que listei anteriormente não eram as únicas que tinham em mente estes intelectuais. As manifestações religiosas apareciam como um outro mistério colocado pelas sociedades camponesas. Quem sabe a religiosidade e o banditismo podiam ser estudados juntos como as duas caras da mesma moeda. Os milenaristas e os bandidos não andavam lado a lado, mas quando a ocasião era propícia ambas caras dessa moeda podiam se reunir, como aconteceu no *Contestado* em Santa Catarina, ou em *Canudos*, no Sertão da Bahia. De essa forma era entendido pelos pesquisadores deste período. Para retratar as resistências dos camponeses optava-se por esta dupla de atores sociais, que podiam estar separados, mas que quando a ocasião assim o requeria podiam chegar a reunir-se. Vejam-se os títulos de algumas obras publicadas neste período, como o já mencionado *Cangaceiros e fanáticos*⁴ de Rui Facó, ou *Fanáticos e cangaceiros* de Abelardo Montenegro⁵. O próprio Hobsbawm também partiu para este mesmo tipo de associação entre bandidos e milenaristas em *Rebeldes Primitivos*⁶. Estes títulos atuam a modo de hipóteses exploratórias, e que podem ser comprovadas nos índices.

Cada um destes indivíduos – os bandidos – ou grupos – bando de bandidos ou milenaristas – passava longos anos fora da lei desafiando a propriedade e à autoridade. Os cantores e poetas populares retratavam muitos destes fora-da-lei como indivíduos corajosos e destemidos, contestatários e rebeldes; e os milenaristas eram vistos como santos, piedosos e devotos. O desafio à autoridade e aos poderosos e o ocasional reparto de mantimentos ou dinheiro apareciam para estes narradores, e para a sua audiên-

⁴ FACÓ, R., op. cit.

⁵ MONTENEGRO, Abelardo. *Fanáticos e cangaceiros*. Fortaleza: Ed. Henriqueta Galeano, 1973.

⁶ HOBBSAWM, Eric. *Primitive rebels: studies in archaic forms of social movement in the 19th. and 20th. Centuries*. Manchester: Manchester University Press, 1959 (há tradução para o português).

cia, como atrativos mais poderosos que todas as humilhações e roubos sofridos nas mãos destes mesmos bandidos. Quando menos os delinquentes também atingiam aos donos do poder, da terra ou aos comerciantes retalhistas que viviam sugando o trabalho dos camponeses. Os líderes milenaristas, por outra parte, apareciam nestas narrações como pessoas bondosas, miraculosas e sábias, sempre atentos ao sofrimento dos camponeses e à procura de soluções para estas vidas miseráveis, geralmente por meio da criação de comunidades autônomas e independentes. A visão popular não coincidia com a acadêmica. Os pesquisadores, pelo contrário, apontaram esta visão dos poetas populares, e por extensão dos camponeses, como sinônimo de atraso e falta de consciência de classe o que, de fato, é uma das características do comportamento dos camponeses.

Mas, uma outra questão pode ser levantada na análise destas obras e, ainda, dentro do esquema de Eric Hobsbawm. Os camponeses, sejam como bandidos ou como milenaristas, reagiram ante a exploração de forma não organizada e sem visar os seus interesses políticos, econômicos e sociais de longo prazo. Estas formas de protesto tendiam a ser localizadas e, mesmo quando se tratasse de ações de massas, como os levantes ou a constituição de comunidades milenaristas, a resposta tinha o caráter de utopias reativas.⁷ A revolta não alcançava o status de transformação da realidade, porque os camponeses não estavam em condições de transformá-la. O máximo que eles podiam fazer era ter surtos de indignação que resultavam na fuga em direção aos refúgios das comunidades milenaristas, como *Contestado*, *Canudos*, *Juazeiro* ou *Caldeirão*. Ou em direção às chapadas e montanhas, para poder agrupar-se como grupos de bandoleiros. Se fosse preciso eles estavam dispostos a lutar até a morte para

⁷ Deve ser assim compreendida a tentativa de fuga para um passado idealizado, em busca de uma idade de ouro na qual estavam as respostas para todos os problemas do presente. O objetivo destas ações era o de reconstruir a antiga comunidade em que os homens eram iguais ou na que pelo menos não eram explorados de forma selvagem.

defender suas posições, mas faziam isto em nome da fé e não do socialismo, a única idéia forma eficiente de reuni-los na luta contra o jugo das autoridades e dos coronéis, muitas vezes reunidos numa mesma pessoa. É por isso que Hobsbawm os tinha categorizado como *Rebeldes Primitivos*⁸. A incapacidade de estabelecer lutas segundo as normas do socialismo os levava a reagir seguindo os padrões de protesta do mundo pre-capitalista, ou seja como delinqüentes ou como religiosos. A sociedade só poderia ser modificada decisivamente sempre que existisse algum tipo de intervenção externa, como a chegada de organizadores sindicais ou políticos das classes médias urbanas. Para os camponeses a única revolução possível, a única mudança factível, é aquela que vem do alto ou de fora para dentro. Seja a imposição da produção capitalista para o mercado ou da coletivização da produção agrária no socialismo.

III.

O modelo, que tenho chamado de *modelo Hobsbawmiano*, tem sofrido uma série de críticas. Os estudiosos têm mostrado os furos do esquema de Hobsbawm e do seu primeiro comentarista crítico, Anton Blok⁹. Estes questionamentos partiram dadas as dificuldades existentes para pensar hipóteses sobre o Banditismo Social justamente como “Social”, até as simplificações a que foram submetidas as realidades escolhidas para construir o modelo de análise.

Mas, este artigo não se centrará na análise dos estudos sobre os bandidos e as suas sofisticções posteriores. Pelo contrário, a minha proposta é a de apresentar uma outra vertente na conformação do marco contemporâneo da análise dos bandidos no

⁸ HOBBSAWM, E. *Primitive rebels...*, op. cit.

⁹ BLOK, Aton. “The peasant and the brigand: social banditry reconsidered” e HOBBSAWM, Eric “Social bandits: reply”. Ambos em: *Comparative studies in Society and History*. vol. 14, nº4, Cambridge: Cambridge University Press, Sept. 1972.

Brasil.¹⁰ Para isso será preciso, em primeiro lugar pesquisar os marcos de análise pioneiros desta questão. Num segundo momento apresentaremos as suas influencias e as semelhanças e diferenças com o modelo Hobsbawmiano.

As primeiras análises e descrições feitas sobre o banditismo vêm da literatura. Entre mediados e finais do Século XIX uma série de escritores começam a abordar o sertão e suas problemáticas. Os romances de Franklin Távora, (*O Cabeleira* de 1876), e de Rodolfo Teófilo (*Os Brilhantes. Psicologia de um criminoso. Romance* de 1895), e o misto de ensaio e crônica de João Brígido (*O Ceará*) aparecem como as primeiras interpretações para o fenômeno do *cangaço* ou do *cangaceirismo*, que são as denominações dadas ao banditismo social do nordeste. As explicações estão relacionadas com o meio físico e social que aparecem como decisivos para a compreensão das atitudes dos protagonistas. Mas, por um outro lado, está não foi a preocupação central destas obras, pelo contrário estes autores estavam muito mais interessados em apresentar as potencialidades da literatura baseada nas questões regionais. As preocupações estavam intimamente relacionadas à literatura e à incorporação destas regiões ao panorama das letras brasileiras desde uma posição privilegiada, ou seja, dando uma explicação para o nordeste, tal como declarava Franklin Távora na introdução ao seu romance *O Cabeleira*. Esta problemática não deixa de ser interessante como questão de estudo para a História das Idéias e a História Intelectual, porque permitiria compreender as estratégias de legitimação utilizadas pelos intelectuais e escritores de província.

Inicialmente estas obras regionalistas não tiveram uma grande repercussão. Passariam vários anos até que o *cangaço* encon-

¹⁰ Finalmente um esclarecimento, quando falamos em banditismo no Brasil, na realidade estamos nos referindo à região nordeste. Não faremos referencia a outras realidades o que não implica desconhecer a importância que este mesmo fenômeno teve nos Pampas gaúchos e nos planaltos catarinenses e paranaenses. Para uma análise mais aprofundada sobre o fenômeno do banditismo e a sua historiografia ver FERRERAS, Norberto. *Bandoleiros, cangaceiros e matreiros: revisão da historiografia sobre o Banditismo Social na América Latina. História*, São Paulo: Unesp, v. 22, 2003.

trasse o seu primeiro interprete e analista: Gustavo Barroso. As suas reflexões sobre a questão do cangaço começaram com os ensaios e crônicas reunidas com o título de *Terra de Sol*. Neste livro Barroso narra algumas anedotas, conhecidas e nem tanto, e contos sobre os bandoleiros cearenses e de alguns Estados vizinhos. Estas referências estavam no meio de outras narrações sobre o nordeste. A ênfase de Barroso estava no pitoresquismo local, nas peculiaridades cearenses e nordestinas, o que levou a deixar de lado os aspectos analíticos do bandoleirismo e suas causas.

Num livro posterior, o próprio Gustavo Barroso decidirá enfrentar decididamente esta problemática. Este livro é *Heróis e Bandidos*.¹¹ Tempo depois Barroso voltará sobre esta mesma problemática. Mesmo assim, entendo que esta primeira análise aparece não unicamente como representativa de um determinado momento, mas também como uma análise que inaugurará uma série de estudos posteriores, tanto do próprio Barroso como de outros autores.¹² A partir deste trabalho uma série de idéias e abordagens pioneiras passaram para dentro da análise do banditismo rural brasileiro. Os trabalhos pioneiros acabam sendo a fonte e o ponto de referência que autores posteriores utilizaram, muitas vezes acriticamente, para apoiar as suas próprias interpretações dos fenômenos sociais. Para o próprio caso do banditismo rural já temos visto o que tem acontecido como as análises pioneiras de Eric Hobsbawm.

Barroso tem sido um ponto de apoio para diversos pesquisadores do banditismo brasileiro. As suas reflexões estão sempre presentes nos estudos sobre o cangaceirismo. Nos poucos casos em que Barroso não é citado explicitamente, como acontece na

¹¹ BARROSO, Gustavo. *Heróis e bandidos (os cangaceiros de Nordeste)*. São Paulo: Liv. Francisco Alves, 1917.

¹² Como por exemplo: BARROSO, Gustavo. *Almas de lama e aço (Lampião e outros cangaceiros)*. São Paulo: Melhoramentos, 1930; OLIVEIRA, Xavier de. *Beatos e cangaceiros. História real, observação pessoal e impressões psicológicas de alguns dos mais celebres cangaceiros do Nordeste*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1920; CANDIDO, Manoel. *Fatores do cangaço de 1910 a 1930*. Pernambuco: São José do Egito, 1934; entre outros.

obra de Rui Facó, deve-se mais a questões ideológicas, antes que a diferenças substantivas na aproximação à questão.¹³ São poucos os pesquisadores do cangaceirismo que não citem a Barroso. Ainda quando Hobsbawm não menciona este autor quando analisa os bandidos vingadores – ou seja, os cangaceiros – chega até ele por intermédio de Maria Isaura Pereira de Queirós, como já mencionamos anteriormente.

IV.

Mas, qual é a base de análise de Barroso? São vários os autores que aparecem citados na obra deste autor, alguns deles têm uma presença decisiva e constituem a base da análise, o arcabouço teórico e metodológico que entraram nas artérias da análise sobre o cangaceirismo. Latorneau, sociólogo francês, Stendhal, literato francês e Sarmiento, intelectual e político argentino, foram as principais fontes de inspiração. De todos eles o mais importante para a construção e escrita de *Heróis e Bandidos* será Domingo Faustino Sarmiento.

A obra de Sarmiento tem sido várias vezes comparada e associada a *Os Sertões* de Euclides da Cunha.¹⁴ De fato, a comparação entre Sarmiento – Euclides da Cunha começa desde a própria organização do material que ambos fizeram: A terra, primeiro marco de análise e determinante da ação dos homens. Porém, entendo que existe uma relação direta entre a obra de Sarmiento com a de Barroso. De fato, Sarmiento é o autor mais citado em *Heróis e Bandidos*, e ao mesmo tempo, aparece simul-

¹³ Lembremos que Barroso foi o segundo homem do Integralismo Brasileiro e Rui Facó era marxista.

¹⁴ Para algumas abordagens recentes da relação entre Domingo Faustino Sarmiento e Euclides da Cunha: GARATE, Miriam. *Civilização e barbárie n'os sertões: entre Domingo Faustino Sarmiento e Euclides da Cunha*. Campinas: Mercado das Letras – FAPESP, 2001. Este livro faz um estado da questão dos estudos realizados até o momento. Uma análise reveladora das relações entre ambos autores no artigo de ZILLY, Berthold. A barbárie: antítese ou elemento da civilização? Do *Facundo* de Sarmiento a *Os Sertões* de Euclides da Cunha. In: ALMEIDA, A., ZILLY, B. e LIMA, E. *De sertões, desertos e espaços incivilizados*. Rio de Janeiro: Mauad – FAPERJ, 2001.

taneamente como o autor de referência, de comparação e como modelo de análise. Mas, quais seriam os pontos de contato entre as aproximações de Sarmiento e Barroso?

A obra de Sarmiento que Gustavo Barroso tomou como modelo para as suas análises é o *Facundo*.¹⁵ Porque o *Facundo*? A evolução do título do livro pode nos dar uma idéia. A primeira edição deste livro apareceu com o seguinte título *Civilización y barbarie. Vida de Juan Facundo Quiroga y aspecto físico, costumbres y hábitos de la República Argentina*. Este título foi mudado posteriormente para *Facundo o civilización y barbarie en las pampas argentinas*, e finalmente, para *Facundo*. Facundo Quiroga foi um caudilho político de La Rioja, na região noroeste da Argentina e inimigo político de Sarmiento. O livro na realidade é um tratado de costumes e, ao mesmo tempo, faz parte da disputa que o próprio Sarmiento, como membro do partido *Unitário* e exilado no Chile, mantém com *Juan Manuel de Rosas*, o caudilho do partido *Federal* da província de Buenos Aires e principal liderança política da Argentina entre 1829 e 1852. O título sozinho explica a hipótese do livro. Os unitários urbanos tentavam introduzir a civilização nos pampas, enquanto os federais rurais resistiam na barbárie. A biografia de Facundo e a sua morte violenta, a mando de Rosas, mostram as dificuldades da Argentina para constituir-se como Nação.¹⁶

Neste ponto começamos a notar certas coincidências programáticas. Combater a barbárie rural, o atraso. Deste ponto de vista *Heróis e bandidos* é um livro político, não explicitamente polêmico, mas político. Barroso tenta compreender o porque do banditismo e as explicações serão coincidentes com muitas das respostas dadas por Sarmiento. O inimigo de Barroso é o atraso do Sertão, que está representado pelos cangaceiros, pelo Padre Cícero e pelos seus aliados políticos. Por outro lado, as vidas

¹⁵ SARMIENTO, Domingo Faustino. *Facundo*. Buenos Aires: Losada, 1999 (1ª ed. 1845).

¹⁶ Sobre a biografia de Facundo Quiroga como parábola da Argentina ver: PRATT, Mary Louise *Ojos Imperiales*. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 1997 (1ª ed. em inglês: 1992), p. 324.

dos cangaceiros vêm a explicar as dificuldades do Nordeste em se consolidar como uma região progressista.

Qual o modelo brindado pelo *Facundo*? Para isto é preciso que sejam analisadas as bases das idéias comuns a ambos os autores, pelo que não abundaremos aqui em diferenças e semelhanças estilísticas. O nosso objetivo é justamente estabelecer as linhas de continuidade num tipo determinado de análise como é a questão das formações políticas e sociais da sociedade rural. Análise este realizado desde as cidades e em confronto com o “atraso” rural, encarnado por caudilhos, coronéis e religiosos. Neste sentido a cidade aparece com a necessidade de “civilizar” as relações políticas para conseguir o desenvolvimento econômico. Este é um elemento comum a Sarmiento e Barroso. Para seus fins ambos escrevem ensaios sociológicos literários que misturam análise e narração. A narração tem por objetivo descrever a situação dando provas para as afirmações realizadas nas análises de forma tal que apareça como legitimando a posição do autor. No caso de Sarmiento narração e análise estão imbricadas, embora divida o livro entre a *natureza*, os *arquetipos* e a *biografia* de *Facundo*. Em Barroso, pelo contrário, ambos momentos aparecem separados em duas seções – *As Causas* e *Os Tipos* – diferenciadas e complementares. É interessante, ainda, estabelecer quais os outros elementos comuns a obra de ambos e que determinam o rumo da análise da ruralidade periférica, dominada pelos caudilhos locais.

Determinismo mesológico

Em principio definamos o primeiro e mais importante dos elementos comuns, a função estabelecida para o meio ambiente. Para ambos os autores o meio ambiente é decisivo para a compreensão e explicação da formação cultural dos habitantes tanto dos sertões quanto dos pampas. Sarmiento nos dá a chave para a compreensão da abordagem relacionada com o determinismo mesológico e a aproximação de Barroso com Sarmiento:

*Los accidentes de la naturaleza producen costumbres y usos peculiares de estos accidentes, haciendo que donde estos accidentes se repiten, vuelvan a encontrarse los mismos medios de parar a ellos, inventados por pueblos distintos.*¹⁷

A afirmação de Sarmiento pode ser comparada com a seguinte passagem do livro de Barroso:

*Fatos observados amiudadamente, considerações nascidas da constância de certos motivos, circunstancias de ordem empírica, minucioso estudo de acontecimentos periódicos, do meio, da raça, da formação social, são as únicas bases para um sistema de idéias que nos dê as razões explicativas do banditismo sertanejo.*¹⁸

A geografia, ou melhor, o meio ambiente, é central na hora de definir as abordagens adequadas. De fato, a base da análise de Sarmiento é o Historicismo, baseado na filosofia alemã influenciada por Hegel. A força explicativa do Historicismo está apoiado no conceito de determinismo mesológico. A geografia é um importante auxílio para compreender as formas em que a sociedade se desenvolve. Seria evidente dizer que a uma determinada geografia corresponde um determinado tipo de sociedade. Afirmação que tem certos desdobramentos que Sarmiento não pode assumir no momento em que ele escreve o *Facundo*, em meados do século XIX, mas que Barroso terá como desenvolver, como é a aplicação de certas teorias raciais, que ingressaram nas ciências sociais no tempo que media entre a escrita de estos dois livros.¹⁹

A relação homem – meio ambiente é central para ambos os autores. Ou melhor, a situação humana é definida pelo meio ambi-

¹⁷ SARMIENTO, D. F., op. cit., p. 76. A citação explica desta forma a semelhança entre o poema de Esteban Echeverría, *La cautiva*, e as obras de Fenimore Cooper, *El último de los Mohicanos* e *La pradera*.

¹⁸ BARROSO, G. *Heróis e bandidos...*, p. 16.

¹⁹ Para o caso de como se difundem no Brasil as idéias destinadas a analisar a questão racial ver SCHWARCZ, Lilia Moritz. O espetáculo da miscigenação: cientistas, instituições e pensamento racial em finais do Século XIX. *Estudos Avançados*, São Paulo: USP, n° 20, jan./abr. 1994.

ente que por sua vez condiciona os comportamentos, como pode ser apreciado na cita que temos feito anteriormente de Sarmiento. Dessa forma não importa o local de nascimento devido a que meio ambientes similares propiciaram fenômenos similares. E isso transforma em coetâneos e simultâneos a aqueles processos que acontecem em épocas e locais diferentes. Barroso dirá, em referência a uma passagem do *Facundo*:

Esse flagrante da vida pampeana é um instantâneo da vida sertaneja, porque no interior do centro-norte a cena é a mesma, os motivos idênticos, as razões iguais (...).

A continuação, afirmará que:

O homem ali vive primitivamente como os povos que demoram no mesmo estágio de civilização: gaúchos, beduínos, esclavonios, tártaros ou cow-boys.²⁰

Se Sarmiento consegue estranhar-se do meio intelectual em que vivia para lançar uma nova interpretação dos Pampas argentinos, deve-se principalmente à leitura dos viajantes europeus que tinham visitado essa região. Os viajantes contrastavam a realidade européia com a americana, transmitindo aos leitores a diferença entre a civilização, representada pela sua própria realidade, e a barbárie americana. No caso de Barroso, este distanciamento em relação à sociedade local, pode estar vinculado à sua saída ainda jovem da sociedade cearense, e o seu retorno posterior, chegado do seio da “civilização” brasileira e da modernidade, o Rio de Janeiro, que estava em pleno auge de mudanças urbanas e civilizatórias. Entendo que estes acontecimentos da biografia de Barroso abrem as portas para a compreensão das suas análises.

²⁰ BARROSO, G. *Heróis e bandidos...*, p. 26.

A Frenologia

A frenologia²¹ será mencionada com freqüência por ambos os autores, embora com maior ênfase no caso de Gustavo Barroso. Como uma conseqüência da evolução das idéias vinculadas ao racismo, a frenologia aparecia como a ciência que desvendava o porque do comportamento anormal dos racialmente evoluídos, ou seja, da raça branca. Num contexto em que as ciências sociais estavam plenamente colonizadas pela biologia, o recurso a mecanismos e argumentos científicos de esta área do conhecimento, como formas explicativas de determinados fenômenos, não podem ser vistas como inviáveis, pelo contrário, temos que pensar que eram sumamente plausíveis para o momento.

Cesare Lombroso e Guglielmo Ferrero aparecem citados em *Heróis e Bandidos* para dar sustentação científica às afirmações de Barroso. Lembremos que pelo menos Ferrero está em atividade no momento da escrita de *Heróis e Bandidos*. O recurso à frenologia para explicar a situação dos sertões estará na ordem do dia, ainda quando esta tinha deixado de ser uma ciência importante e tinha entrado em franco declínio. De fato, depois do assassinato de Lampião, ainda num período tão posterior como a década de 1940, as cabeças decepadas dos cangaceiros foram estudadas por Nina Rodrigues, outro seguidor dos estudos do cangaço e dos métodos de Cesare Lombroso.

A diferença entre as abordagens de Domingo Sarmiento e Gustavo Barroso perante a questão racial está no desenvolvimento da frenologia como disciplina, que alcançou o seu apogeu no período entre a publicação de ambas as obras. Pensemos que os estudos de Lombroso e do seu seguidor e genro Guglielmo Ferrero são da década de 1880 e 1900, Barroso escreve no auge desta disciplina o que explica uma utilização mais específica desta abordagem.²² Ao mesmo tempo, a sua relação com os estudos

²¹ A frenologia é um ramo da antropometria, ciência fundada por Cesare Lombroso. Esta se baseia no estudo das medidas dos crânios humanos.

²² BARROSO, G. *Heróis e bandidos...*, p. 25-26.

sobre as raças e a suas implicações nos estudos sobre o banditismo e muito mais apurada. As relações entre as distintas raças e as suas conseqüências já tinha sido desenvolvido anteriormente, por exemplo por Euclides da Cunha em *Os Sertões*.²³

O uso da biografia

Ambos os livros tendem a construir arquétipos, embora quando ambos os livros apresentam uma sensível diferencia. Sarmiento, desde o seu título está anunciando uma biografia (*Facundo*). Barroso, por sua vez, radicaliza esta metodologia partindo para o uso maciço das biografias. Poderíamos dizer que *Heróis e Bandidos* é um estudo prosopografico literário, no qual se faz uma apresentação extensiva das biografias de vários cangaceiros.

Entre ambas formas de abordagem da biografia existem importantes diferencias. Sarmiento, influenciado pelo romantismo, utiliza a idéia do homem representativo. Este homem representativo pode ter características positivas ou negativas, porém não deixa de ser parte importante da sociedade da qual faz parte, pelo que passa a resumir as suas características principais. *Facundo* Quiroga, no caso do livro de Sarmiento, é o compendio das características dos caudilhos políticos regionais, e pelo tanto, dos homens que ele próprio lidera. A biografia neste caso brinda a possibilidade de dar uma forma concreta ao pensamento abstrato.

Barroso tem uma outra estratégia narrativa, partindo para a prosopografia, tenta apresentar a realidade dos sertões pelo acúmulo de experiências, pela saturação. *Heróis e bandidos* não deixa de ser um texto de admiração dos cangaceiros, porém, também de confronto com esta situação. Desta forma, Barroso consegue construir distintos arquétipos de bandidos, diferenciando as diversas possibilidades deste fenômeno. Assim, aparecem bandidos com características particulares como psicóticos, no-

²³ Sobre as conseqüências das raças, e suas misturas, no sertão ver BARROSO, G. *Heróis e bandidos...*, p. 59-64.

bres, generosos, selvagens, etc. Assim sendo Barroso defende a alguns e condena a outros, justificando o título do livro. Geralmente aqueles bandidos que são tratados de forma positiva por este autor são, na maior parte das vezes, proprietários que entram no banditismo para reparar as injustiças sofridas. Isto nos leva a refletir, ainda, sobre o modo marginal em que as questões do poder e da propriedade entram em *Heróis e Bandidos*.

Os dois autores aqui apresentados partem de marcos teóricos diferentes, Sarmiento do romantismo e Barroso do naturalismo, e ambos utilizaram a biografia de uma forma particular e segundo as necessidades dos seus argumentos. Não pretendem ser absolutamente fieis aos documentos ou as fontes disponíveis, nem tentam ser historiadores ou reconstruir fielmente a realidade histórica, no melhor dos casos, e como foi mencionado anteriormente, tentam construir um estudo sociológico e literário. Em grande parte estas biografias são acomodadas aos fins dos autores, romaneando-as ou adaptando-as às necessidades da narração ou da análise. O importante está no argumento a ser desenvolvido. As anedotas são acomodadas, estilizadas ou radicalizadas de acordo com as necessidades da argumentação. No caso de Sarmiento, algumas situações por ele apresentadas no seu texto correspondem a outros caudilhos e não ao próprio Facundo Quiroga, porém aparecem como elementos que atuam como exemplo das características do conjunto. Facundo é o caudilho por excelência e a sua força no texto de Sarmiento é tão grande que eclipsa outros líderes do período. Não podemos esquecer que o caudilho *primus inter pares* foi Juan Manuel de Rosas e que a mando dele Facundo foi morto em *Barranca Yaco*, uma estrada que devia estar sob o seu controle. Mas, aos efeitos da narrativa sarmientina as situações vividas pelos outros caudilhos podem ser adjudicadas ao arquétipo: Facundo.

Os arquétipos estão relacionados com as biografias e as prosopografias. Ambos os autores os constroem como uma forma de esquematizar a realidade e apresentar as características de uma forma evidente. De fato, a tentativa de ambos os autores é a de clarificar a realidade, para um público que não é o da regi-

ão, pelo contrário, ambos livros são parte de uma estratégia política para confrontar esta situação e arregimentar vontades que permitissem modificar as estruturas vigentes. É claro que as urgências políticas são diferentes em cada caso, mas não por isso os usos das biografias e das narrativas não podem ser comparadas. Os arquétipos permitem transformar uma figura, uma personagem em signo da explicação geral. É por isso que Sarmiento apresenta alguns arquétipos como o *baquiano*, o *gaucho malo*, o *rastreador*, que mesmo que não sejam indivíduos claramente identificados, vem para reunir as características de vários das personagens que podem ser encontrados nos pampas argentinos. Barroso, pela sua parte, o que faz é apresentar cada um dos seus casos como arquétipos, assim teremos a *Antônio Silvino*, como o bom cangaceiro, de fato o caso mais extensamente analisado; os *Brilhantes*, os *Limões* e os *Suassunas* como líderes de cangaceiros, e pelo tanto ressalta em cada um deles o potencialidade de comando presente em cada um deles e segundo as características próprias dos mesmos; *Rio Preto* aparece como um criminal sem escrúpulos; e os casos extremos de *O Cabeleira* e *O Cundurú* serão os psicopatas, o que lhe permitirá explicar os grandes desvios do modelo representados pelos casos de violência excessiva realizados por estes bandidos; e assim por diante.

V.

Para finalizar algumas reflexões. Ambos os livros são tanto importantes estudos sociológicos, que como fundadores na análise de uma realidade têm influenciado as aproximações posteriores, quanto reconhecidas obras literárias. A conjunção de historicismo, naturalismo e romantismo levaram à construção da *barbárie* de Sarmiento e ao *cangaço* de Barroso numa conjunção de aspectos culturais e ambientais, e por contraposição tem ajudado aos pesquisadores a compreender os elementos que conformavam a civilização. A determinação dos comportamentos é tanto geográfica quanto cultural, embora a ênfase de ambos os autores está colocada nos aspectos geográficos.

Sarmiento, estava lançado numa campanha política e em defender-se dos ataques dos seus adversários políticos, pelo que aprofundou a construção de um texto político, e que acabou servindo de modelo para as análises de Barroso. Porém, a disputa política empurrou a Sarmiento a um certo maniqueísmo que resultava na oposição entre a *Civilização* e a *Barbárie*. Barroso foi muito mais sutil nesta relação apropriando-se da relação cangaço – civilização, resgatando assim elementos que ele entendia como positivos no cangaço. Desta forma ele revalorizava a sociedade sertaneja, oposta na maior parte das vezes às ambigüidades da vida urbana. De qualquer forma, ambos ficaram fascinados e fortemente atraídos por esta cultura rural, sendo que viam no cangaço e na barbárie as fontes daquilo que era mais autêntico da região, do nacional, o que devia ser autenticamente americano e diferente da alta civilização européia.

O *Facundo* não fundou imediatamente uma escola de estudos sobre a ruralidade e o fenômeno do homem de campo na Argentina, o *gaucho*, pelo contrário, novos problemas e situações colocadas pela organização nacional, primeiro, e pela migração de massas depois, fez esta questão fosse desenvolvida inicialmente pela literatura. Barroso, pelo contrário, foi sumamente influente na criação de um modelo de análise da questão. No Brasil está temática passou rapidamente da literatura para a sociologia.

Passou muito tempo até que a obra de Sarmiento contribuisse a fundar um modelo de análise da sociologia rural argentina, mas paradoxalmente a sua obra conseguiu transcender fronteiras chegando até o Sertão cearense. Barroso retomou as análises de Sarmiento para uma realidade histórica e social diferente de maneira de construir a sua própria interpretação. E o interessante é que a interpretação de Barroso do cangaço foi incorporada como parte da tradição de análise desta questão. Como mencionei anteriormente Barroso vá a ser uma e outra vez citado como fundador de uma corrente interpretativa, com a sua criação de arquétipos e com a identificação dos principais cangaceiros, como tem chegado até os nossos dias.